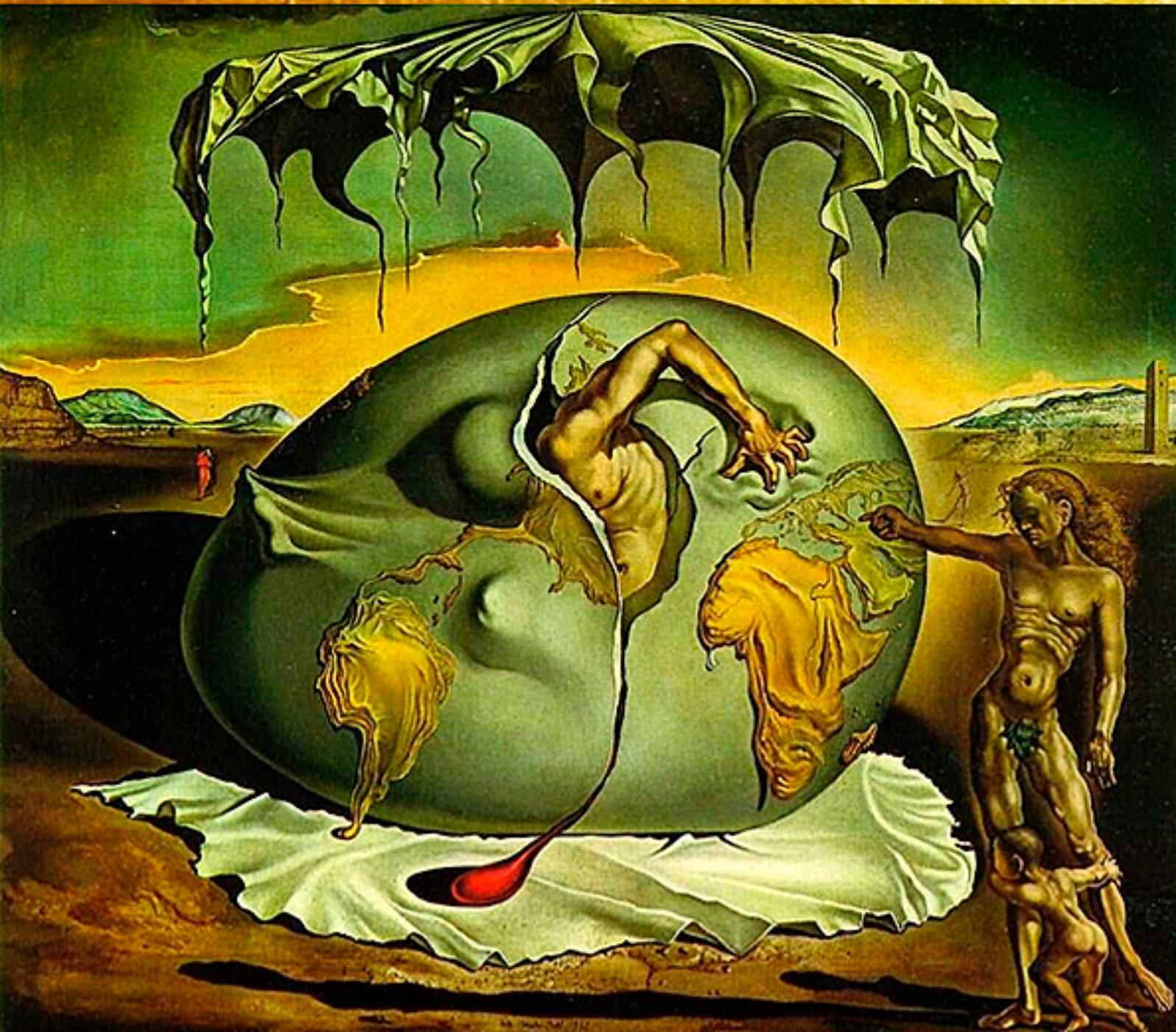


O HOMEM NOVO

Luiz Guilherme Marques



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

O HOMEM NOVO

a valorização do voluntariado

Luiz Guilherme Marques

2.011

Onde o homem tiver seu tesouro aí terá seu coração.

(Jesus Cristo)

O Amor cobre a multidão dos pecados.

(Jesus Cristo)

DEDICATÓRIA

- às minhas filhas Jaqueline e Tereza**
- a Rosa Maria Passarelli**
- a Maria Geny Barbosa**
- aos meus irmãos Antonio José, Marco Aurélio, Maria Helena, Maria Célia e Maria de Fátima**
- aos confrades da Fundação Espírita Nosso Lar, do Centro Espírita Joanna de Ângelis e do Centro Espírita Boa Nova, todos de Juiz de Fora - MG**

ÍNDICE

Introdução

1– O homem velho

1.1 – A intenção de evoluir espiritualmente

1.2 – A baixa estatura espiritual

1.3 – O encontro com Jesus no meio do caminho

1.4 – A necessidade de enfrentar a oposição do meio onde se errou

1.5 – A desvinculação com o antigo estilo de vida

1.5.1 – O orgulho

1.5.2 – O egoísmo

1.5.3 – A vaidade

2 – O homem novo

2.1 – O primeiro passo no novo estilo de vida

2.2- A continuidade do trabalho profissional

2.3 – O encerramento do trabalho profissional

2.4 – A continuação da vida familiar

2.5 – O voluntariado

2.5.1 – A motivação religiosa

2.5.2 – A cidadania

2.5.3 – As entidades filantrópicas

2.5.4 – As variadas formas de colaboração

2.5.4.1 – A contribuição financeira

2.5.4.2 – A contribuição intelectual

2.5.4.3 – A contribuição afetiva

2.5.4.4 – A contribuição do trabalho braçal

2.5.5 – A inclusão em grupos de convivência e trabalho voluntário

Conclusões

Nota

INTRODUÇÃO

Consta do Evangelho de Lucas, 19.1-10, a história de Zaqueu:

Entrando em Jericó, atravessava Jesus a cidade.

Eis que um homem, chamado Zaqueu, maioral dos publicanos, e rico, procurava ver quem era Jesus, mas não podia, por causa da multidão, por ser ele de pequena estatura.

Então correu adiante, subiu a um sicômoro a fim de vê-lo, porque havia de passar.

Quando Jesus chegou àquele lugar, olhando para cima, disse-lhe: Zaqueu, desce depressa, pois me convém ficar hoje em tua casa.

Ele desceu à toda pressa e o recebeu com alegria.

Todos os que viram isto murmuravam, dizendo que Ele se hospedara com homem pecador.

Entrementes, Zaqueu se levantou e disse ao Senhor: Senhor, resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais.

Então Jesus lhe disse: Hoje houve salvação nesta casa, pois que também este é filho de Abraão.

Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido.

Não representa nosso propósito esmiuçar a história do célebre personagem evangélico, que se tornou o símbolo do rico renovado, imitado por muitos aquinhoados pelas riquezas materiais que se dedicam à Filantropia e à Fraternidade, mas sim tomar como ponto de partida sua biografia para refletir sobre a utilidade do voluntariado [1], seja ele praticado por motivação religiosa ou pelo exercício idealista da cidadania,

como ferramenta valiosa e indispensável para a evolução espiritual de quem o pratica e melhoria da qualidade de vida dos que lhes são beneficiários.

A narrativa evangélica termina no ponto em que se afirma a “salvação” de Zaqueu, que podemos interpretar como o início da sua mudança espiritual, a partir daí surgindo o “homem novo”.

Não houve a preocupação em informar como passou a proceder o novo discípulo de Jesus, mas pode-se presumir que tenha se integrado no trabalho voluntário no seu sentido mais amplo.

Através de narrativa do Espírito Lev Tolstoi, pela mediunidade iluminada de Yvonne do Amaral Pereira, se veio a saber como passou a viver o Apóstolo da Renúncia após sua conversão.

O que, todavia, nos importa ressaltar neste estudo é como deve viver o “homem novo” nos dias atuais.

O heroísmo dos grandes personagens evangélicos serve para a sensibilização de quem lê suas biografias, mas vivemos em uma realidade diferente, onde podemos e devemos conciliar as atividades profissionais e familiares com o ideal de autoaperfeiçoamento.

Zaqueu ficou conhecido como o “rico convertido”, apesar de, como ter sido, como relata Tolstoi, um homem de grande cultura geral.

Não tratamos, neste nosso estudo, apenas da colaboração financeira, pois há outras tantas formas de se ajudar o próximo não envolvendo dinheiro propriamente dito. Todavia, vale a pena pensar no desprendimento possível quanto às riquezas. O apego ao dinheiro ainda domina grande parte das pessoas, muitas das quais se dispõem a fazer

qualquer coisa menos renunciar a parte do seu patrimônio. Não é por acaso que Jesus falou ser “mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino do Céu”. A linguagem é figurada, mas funciona como alerta contra o egoísmo que o dinheiro costuma despertar.

Há outros “ricos”, por exemplo, os de intelectualidade, que não conseguem distribuir amorosamente seus conhecimentos com os que sabem menos, preferindo dominar, enriquecer-se e até sonegar informações...

Há também os “ricos” de poder, que escravizam comunidades inteiras ao seu jugo, manipulando pessoas e situações para continuarem comandando em benefício próprio...

Como todos sabem, dentro do vocabulário cristão cunharam-se as expressões “homem velho” e “homem novo”, a primeira representando a fase evolutiva em que estivemos apegados aos defeitos morais tradicionais, nossos antigos conhecidos: o orgulho, o egoísmo e a vaidade, sob variadas formas e a segunda identificando a nossa fase como seres renovados, quando resolvemos investir no combate sistemático às nossas próprias deficiências ético-morais.

Zaqueu, Paulo de Tarso, Madalena e outros contemporâneos de Jesus, deixaram para trás o estilo de vida do “homem velho” e ingressaram em uma nova realidade vivencial, a do “homem novo”, plenificando-se de paz e felicidade e servindo de exemplo para aqueles que lhes observavam a conduta, multiplicando a semente da vida cristã, que consagra o Amor como referência máxima, no interior da qual o trabalho voluntário em favor do próximo é uma das vertentes mais importantes.

Sem essa colaboração espontânea e feliz em favor do próximo, o “homem novo” não passa de flor sem perfume e candidato egoísta a um paraíso particular, que, na verdade, não existe senão na imaginação daqueles que continuam cultivando o próprio narcisismo.

Em termos de Cristianismo, somente na conjugação do autoaperfeiçoamento intelecto-moral com a Fraternidade Universal é que nos tornamos “homens novos” ou “mulheres novas”.

O autor desta obra não é mestre das lições que aqui são expostas, mas simplesmente seu primeiro aluno, ao ouvir e transmitir a inspiração da Voz que o impulsionou a escrever, imitando a forma como o gigante Léon Denis procedia quando lhe chegava à acústica mental o comando para colocar no papel as ideias que lhe eram inspiradas.

Nossa consciência vai aos poucos sendo burilada, clareada por inspirações mais próximas do Ideal Cristão, distanciando-nos do “homem velho” e impulsionando-nos a viver conforme os padrões salutareos do “homem novo”.

O voluntariado representa o Amor colocado em prática. Trata-se do caminho da plenificação espiritual, solução para todos os problemas da humanidade, pois “o Amor cobre a multidão dos pecados”.

O que falta à humanidade conquistar é a disposição espontânea e generalizada de uns pensarem nos outros tanto quanto pensam em si próprios.

Agradecemos a Deus a oportunidade de realizar este trabalho, que, se for útil a uma pessoa sequer que seja, já terá atingido sua finalidade.

O autor

1 – O HOMEM VELHO

Para entendermos o perfil do “homem velho” basta observarmos como pensamos e agimos na vida pessoal e de relação impulsionados pelo desejo de tudo conquistar em benefício apenas de nós próprios e da nossa família.

Consideramos apenas alguns poucos como amigos, ou seja, aliados na luta desenfreada contra todas as demais pessoas.

Queremos, poder, prestígio, dinheiro, hegemonia, evidência, vantagens pessoais, benesses de variados tipos para usufruirmos sem pensar nas agruras vividas pelos outros, que consideramos adversários a ser vencidos e se transformarem em nossos subordinados e bajuladores servis.

Quanto temos investido nessa luta insana, a pretexto de garantir a sobrevivência e a de nossa família.

Para nós próprios queremos a extensão maior possível de poder e garantia de um presente e um futuro sem nenhuma dificuldade.

Para aplinar os caminhos de nossos filhos, acumulamos patrimônio superior às suas necessidades reais e sugerimos-lhes, indiretamente, a ociosidade e o egoísmo, pretendendo que sejam mais poderosos e frios que nós próprios.

Há inúmeros casos de pais que induzem tamanho egoísmo a seus filhos, que, no final, aqueles se voltam contra os próprios genitores, desejando-lhes a própria morte para entrarem logo na posse da herança mais ou menos vultosa.

Esse o perfil do “homem velho”, que faz inimigos, desune pessoas, vive em função de si próprio, revida as ofensas que recebe ou imagina receber, procura evidência em excesso no meio onde vive, acumula o supérfluo, não dá aos outros o de

que não necessita, considera a vida como mera competição contra os outros e morre atemorizado pela consciência, que lhe cobra a abertura do coração e da mente à Fraternidade.

Quem não o viveu em alguma fase de sua vida ou quem não o vive ainda hoje? Montaigne confessou, em seus Ensaios, ter sido, durante certo período da vida, sovina, aferrado às posses materiais. Madalena viveu os primeiros anos de sua existência consagrada à sexualidade exacerbada. Paulo de Tarso enxergou, quando ainda “homem velho”, apenas a própria projeção como intelectual. E assim por diante.

O autoconhecimento, decorrente da reflexão diária e sincera sobre nossas próprias realidades interiores, mostra se ainda estamos vivendo a fase do “homem velho”.

Essa análise compete a cada um, seja solitariamente ou com a ajuda de profissionais da Psicologia ou Picanálise.

Os referenciais da Religião, todavia, são os ideais para esse trabalho de autoestudo.

1.1– A INTENÇÃO DE EVOLUIR ESPIRITUALMENTE

Pouco valem as exortações dos mestres de todos os tempos, consubstanciadas em centenas e milhares de livros novos e antigos, bem como as orientações dos pais, se estamos focados apenas nos interesses materiais ou intelectuais.

A evolução espiritual depende da livre escolha de cada um.

Enquanto o desenvolvimento intelectual ocorre pelo mero decurso do tempo, pois o aluno mais bisonho consegue assimilar alguma informação, a evolução espiritual depende de um esforço concentrado, que começa com a intenção sincera de mudar de paradigma.

No exemplo de Zaqueu, ele procurou Jesus, tomou a iniciativa de ouvir-lhe a palavra.

Ter subido no sicômoro pode ser interpretado como sua intenção de esforçar-se por assimilar a Boa Nova. Não se contentou em simplesmente ouvir e analisar cerebralmente, mas procurou introjetar as lições ouvidas.

Seu desejo de mudar de vida era sincero e profundo.

Determinou-se a abandonar os referenciais do orgulho, egoísmo e vaidade que o caracterizavam até então e resolveu pela sua evolução espiritual.

Não é pelo fato de ter-se tornado cristão que se tornou melhor, pois poderia ter sido sempre bom dentro do Judaísmo ou outra corrente religiosa, ou mesmo sem nenhuma. No seu caso, somente deixou de ser o “homem velho” quando renunciou ao seu estilo egoístico de vida e passou a querer pensar e viver de acordo com a Consciência Cósmica, que é Deus.

O proselitismo que se possa fazer em torno da renovação de Zaqueu não é justo, pois o que importa não é sua conversão ao Cristianismo, mas sua adesão ao propósito de evoluir espiritualmente.

Seu exemplo ilumina a vida de muitos ricos, que vivem a Fraternidade, mas serve também para os intelectuais que se dedicam ao Bem da humanidade, aos poderosos de várias modalidades que se sacrificam pelo Amor e assim por diante.

Zaqueu é um dos símbolos do abandono do padrão do “homem velho” e ingresso no modelo de vida do “homem novo”.

1.2– A BAIXA ESTATURA ESPIRITUAL

Não é relevante a estatura corporal de Zaqueu. Talvez o que o evangelista Lucas tenha querido ressaltar seja a baixa estatuta espiritual do cobrador de impostos.

Vivia aferrado às suas contas, somando sempre lucros para si próprio, sem nada ou quase nada distribuir entre os que careciam do mínimo para sobreviver.

Era um pigmeu espiritual, incapaz de enxergar além do horizonte de sua própria família.

Ficava cada vez mais rico, dava conforto à esposa e filhos, multiplicava seu patrimônio e, indiretamente, ensinava o egoísmo e a frieza aos seus filhos, sendo odiado pelos seus concidadãos.

Não iria fazer mais do que acumular para um dia morrer e deixar uma vultosa herança para sua viúva e descendentes.

Quanta gente, até hoje, vive desse jeito, achando que teve uma trajetória idealista, por garantir os pósteros na ilusão da posse e no excesso de conforto!

Tratam-se de anões espirituais, que, muitas vezes, adotam uma crença religiosa e ostentam títulos de benemerência, mas são meros egoístas, aferrados ao dinheiro.

Nesse perfil enquadram-se também os intelectuais que concentram seus esforços na divulgação do próprio nome e os poderosos de vários tipos que visam entrar para a História sem o ideal verdadeiro de servir à humanidade.

Costumam ser homenageados em vida e postumamente, mas viveram empolgados por um narcisismo doentio e inútil.

1.3 – O ENCONTRO COM JESUS NO MEIO DO CAMINHO

Jesus não esperou que Zaqueu subisse espiritualmente até o seu nível, o que seria impossível, inalcançável, inviável.

O anão espiritual, com seu desejo sincero de tornar-se um “homem novo”, cresceu em estatura espiritual, fazendo-se uma consciência mediana.

Nesse “meio do caminho” Jesus lhe falou à consciência, e ele entendeu um mínimo da Boa Nova, tornando-se capaz de, a partir daí, e com os sucessivos anos de aprendizado, crescer em estatura espiritual, apurando a consciência, que o alertaria cada vez mais para os detalhes ético-morais a serem aperfeiçoados.

O início do contato entre o Mestre e o discípulo ocorreu quando o primeiro desceu até a metade da escada e o segundo, num esforço muito grande, chegou até ali.

Não foi difícil para o discípulo subir até lá, pois estava preparado pela desilusão que marcava seus dias de usurário, decepcionado com a aridez de sua vida egoísta.

Existe um ditado que afirma: “Quando o discípulo está pronto, o mestre aparece”.

Se Zaqueu não estivesse “pronto”, não teria ocorrido o encontro frutuoso com o Mestre dos mestres.

Por isso também não se pode dar razão a quem afirma que foi difícil para Zaqueu seguir adiante. Só é difícil para quem não está maduro para a mudança.

Os maduros não voltam atrás, porque não querem trocar a paz da vida nova pelo tédio e a desilusão que os interesses puramente materiais acarretam.

Zaqueu não voltou à vida de usura e egoísmo, mas enveredou pelo novo caminho, inclusive ocupando parte do

seu tempo diário ao trabalho voluntário, infelizmente não relatado pelo evangelista, o que seria de desejar.

1.4 – A NECESSIDADE DE ENFRENTAR A OPOSIÇÃO DO MEIO ONDE SE ERROU

Sempre que se abandona o padrão do “homem velho” e se passa a viver como “homem novo”, os antigos conhecidos ou companheiros de ilusão lançam-nos epítetos desacreditadores.

Madalena, para muitos, não passava de fingida e enganadora. Paulo de Tarso ainda seria tido por muitos como “lobo em pele de cordeiro”. Zaqueu continuaria sendo taxado de sovina e mau.

Mas o confronto é inevitável: temos de “colocar a candeia sobre o candeeiro, a fim de que dê luz a todos os que estão na casa”.

Não podem haver meias-palavras, receio de expor-se frente à comunidade como “homem novo”.

É necessário para o próprio homem renovado firmar-se no caminho novo, como também para emular outros a seguirem essa trajetória.

Temos um dever conosco mesmo e outro quanto à coletividade onde vivemos.

A timidez, nesse caso, não se justifica.

Nossa vida deve ter um caráter de publicidade, que não pode nem deve ser desconsiderado.

Não se trata de sair trombeteando feitos e ideais, no fundo ressumando personalismo e vaidade, mas permitir que nos observem e vejam os bens exemplos que nossa vida possa trazer.

Alguns prejuízos podem advir da melhoria ético-moral, como a perda de amizades superficiais, mas sempre compensáveis com benefícios muito mais estáveis, como a conquista de verdadeiros amigos. Mas, acima de tudo, a

aprovação, de valor incalculável, da nossa própria consciência e a bênção do nosso Divino Mestre e de Deus.

1.5 – A DESVINCULAÇÃO COM O ANTIGO ESTILO DE VIDA

Quanto de egoísmo, orgulho e vaidade caracterizam o “homem velho”!

Os desdobramentos desses defeitos morais vão quase ao infinito, manifestando-se nos atos de cada dia da nossa vida de relação.

Vivendo dominados por eles, os prejuízos para as pessoas que nos cercam são grandes, mesmo que reduzido seja o número de pessoas das nossas relações ou pequena a nossa influência sobre elas.

Uma simples faxina realizada com desleixo causa prejuízo a quem utiliza um ambiente. Imaginem-se os males provocados por quem ocupa importante posto de comando!

O esforço para adequar-se ao padrão novo pode representar a necessidade do desfazimento de situações já consolidadas. Todavia, o “homem novo” deve ressarcir, dentro do possível, as pessoas prejudicadas com sua conduta anterior.

Aliás, esse dever faz parte do programa dos Alcoólicos Anônimos e dos Narcóticos Anônimos.

Desvincular-se do padrão do “homem velho” pode conduzir também ao arrefecimento de antigas amizades, quando calcadas naqueles defeitos morais.

A vontade de mudar deve sustentar-se no “orai e vigiai”, no sentido de socorrer-se na fé religiosa e na autoanálise permanente.

1.5.1 – O ORGULHO

O orgulho se traduz na ideia de que somos muito mais importantes do que os outros. A pessoa orgulhosa se coloca em um pedestal simbólico, aos pés do qual as demais teriam o dever de postar-se em reverência.

Há ricos, intelectuais e poderosos humildes, como há pobres, iletrados e desprotegidos da sorte que se deixam dominar pelo orgulho.

Esse defeito não é consequência do eventual destaque que venhamos a ter, mas sim uma qualidade negativa que uns cultivam e outros combatem em si próprios.

Voltaire comparava o orgulho a uma bola cheia de ar, que vaza estrondosamente quando recebe uma espetada.

A humildade é a virtude contrária ao orgulho e traduz-se em um dos mais importantes qualificativos dos seres evoluídos.

Sócrates reconhecia suas limitações, Montaigne deu a público as próprias contradições na busca pelo autoconhecimento e Jesus Cristo, mesmo sendo o melhor dos homens, não se sentiu diminuído ao lavar os pés dos próprios discípulos.

Realmente, não há razão para o orgulho, apanágio de quem pouco sabe de si próprio e de quem se julga insubstitível, numa atitude de puro infantilismo ético-moral.

1.5.2 – O EGOÍSMO

“Amar a si próprio” é imprescindível para a evolução intelecto-moral, significando investir no seu próprio progresso.

Todavia, impedir que as benesses em geral cheguem aos outros, tudo querendo para si, é atitude ingênua, uma vez que uns dependemos dos outros umbilicalmente.

“Uma andorinha só não faz verão”, já dizia Aristóteles, há muitos séculos atrás.

O regime que vigora na Natureza é a colaboração, conforme detectou Jean-Baptiste Lamarck.

Demonstra bom senso e inteligência que atua em equipe, dividindo responsabilidades e benefícios.

O egoísta é tardo no raciocinar com clareza e cego por não ver a própria insignificância da sua pessoa considerada individualmente.

Todas as grandes realizações são coletivas.

O próprio Cristo fazia-se acompanhar de amigos para poder alcançar seu desiderato de divulgar a Mensagem do Amor.

A virtude contrária ao egoísmo é o desprendimento, que encaminha para a Solidariedade e a Fraternidade.

Feliz de quem é solidário, pois nunca está solitário.

1.5.3 – A VAIDADE

Pretender notoriedade exagerada é o próprio retrato dos vaidosos.

Luiz XIV, o “rei sol”, da França, adorava ser incensado pelos bajuladores. Da mesma forma, contam-se aos milhões os grandes e pequenos vaidosos, que sofrem por não serem homenageados a cada passo.

A vaidade se manifesta de inúmeras formas, normalmente nada tendo a ver com o hábito tão feminino de enfeitar-se para aparecer em público.

Falamos aqui da vaidade-defeito moral, dominadora de muitas personalidades aparentemente modestas.

A vaidade intelectual é lamentável, pois incita muitas inteligências às idealizações contrárias às Leis Divinas, causando confusão nas mentes desavisadas e nas pessoas ingênuas, como acontece, por exemplo, com a péssima qualidade ético-moral de muitos programas televisivos, arquitetados por profissionais vaidosos, que visam mais a divulgação do próprio nome do que o importante ideal de divulgar a Arte e o Conhecimento.

2 – O HOMEM NOVO

O homem novo é um ser diferenciado, justamente pela adoção de u'a mentalidade idealista, voltada para o auto e o aloaprimoramento ético-moral. Continua investindo no seu próprio desenvolvimento profissional, convive com as pessoas do seu meio, preocupa-se com a família, mas já não vive em função dos interesses materiais.

Coloca como meta mais importante de sua existência seu desenvolvimento espiritual e sua disposição para colaborar com o crescimento espiritual das pessoas do seu meio.

Reconhece que o simples desenvolvimento intelectual e o progresso material não solucionam os graves problemas existenciais que acometem a sociedade como um todo e as pessoas individualmente.

Os problemas da dependência química, da violência, da miséria e dos transtornos psicológicos, por exemplo, não se resolvem com meros estudos acadêmicos nem medidas governamentais ou legislativas, mas com a transformação ético-moral do ser humano.

Normalmente, continua desenvolve sua atividade profissional, que pode ser destacada no meio social ou pouco valorizada pelos padrões elitistas e mercantilistas em vigor, a qual lhe garante, bem ou mal, a sobrevivência material, mas não centraliza ali toda sua energia, mas sim no próprio esforço de transformação interior para melhor.

Muitas vezes vêm-se gigantes do autoconhecimento exercendo profissões apagadas ou mesmo ocupando postos importantes na sociedade: esse detalhe é indiferente.

Ganhar o pão de cada dia e sustentar a família são deveres corriqueiros, obrigatórios para qualquer ser humano que se preze. O diferencial está em ir além desse modelo

patrimonialista de vida, enveredando convicta e firmemente pelo caminho do autoconhecimento.

O pensar e o agir do homem novo chamam a atenção por algumas características que veremos a seguir.

2.1 – O PRIMEIRO PASSO NO NOVO ESTILO DE VIDA

Mudando o foco de sua razão de viver, passando dos interesses materiais para as metas espirituais, grandes mudanças internas lhe ocorrem, apesar de externamente nem sempre se notarem traços perceptíveis.

Todavia, se alguém observar atentamente, perceberá que exteriorizam-se dados diferenciadores.

Talvez antes se preocupasse em acumular objetos desnecessários, que faziam falta aos que careciam do mínimo para sobreviver, representando o egoísmo centralizador; títulos e destaques que nada acrescentavam e somente traduziam uma vaidade doentia; e a uma forma rude ou fria de tratar as demais pessoas, retrato de um orgulho sem razão; mas, presentemente, se desfez de tantas quinquilharias que lhe ocupavam espaços enormes, homenagens imerecidas que lhe encarceravam a mente e inquietavam o coração e tratamento cerimonioso que lhe prejudicava a naturalidade e a harmonia no contato com as pessoas.

O homem novo passa a ser amado, ao invés de temido ou odiado, conquista amizades sinceras pela simpatia que passa a irradiar e pelos pequenos e grandes benefícios que propicia ao meio onde vive.

2.2 – A CONTINUIDADE DO TRABALHO PROFISSIONAL

Muitos continuam exercendo a mesma profissão de antes, caso seja uma atividade honesta.

Bernie Siegel continuou exercendo a Medicina, apenas dispensando seus pacientes de tratarem-no cerimoniosamente de doutor e abolindo a tradicional mesa que o separava fisicamente deles.

Pessoalmente, presido minhas audiências no fórum usando um traje social comum ao invés do tradicional terno ou da toga, que criam uma distância desnecessária e contraproducente entre o servidor público e o cidadão.

No próprio ambiente de trabalho encontramos muitas oportunidades de exercitar os padrões do homem novo, principalmente através do atendimento às necessidades e reivindicações daqueles que precisam do nosso trabalho.

A boa-vontade encontra caminhos para resolver problemas aparentemente intrincados, enquanto que a má-vontade procura argumentos para entrar a vida alheia.

O mais importante não é receber as pessoas com um sorriso nos lábios, que pode representar mera contração dos músculos da face, mas olhar dentro dos olhos de cada um e enxergar ali verdadeiras manifestações de Deus, como recomendam alguns sábios mestres da Índia.

Cada problema submetido à nossa análise não deve representar apenas mais um número nas estatísticas, mas sim um caso especial, que merece toda a nossa atenção, como se fosse o único.

2.3 – O ENCERRAMENTO DO TRABALHO PROFISSIONAL

Em alguns casos, a atividade profissional anterior não condiz com o padrão ético-moral do homem novo e ele resolve mudar de ocupação profissional. Isso costuma acontecer, pois nem todo trabalho é eticamente recomendável.

Em outros casos, para melhor se dedicar às atividades voluntárias, a pessoa resolve se aposentar ou simplesmente deixar de trabalhar de forma remunerada.

Trata-se de uma decisão de caráter estritamente pessoal, que cada um deve pensar e decidir maduramente.

Continuar trabalhando é sempre recomendável, pois a sobrevivência material é imprescindível e não devemos ser “pesados” para os outros.

2.4 – A CONTINUAÇÃO DA VIDA FAMILIAR

Falaremos aqui do casar ou não casar, procurando refletir sobre esse tema, que passa pela mente de todo mundo, inclusive de quem se preocupa com sua própria espiritualização. As situações variam quase ao infinito: abordemos algumas delas.

Há quem opte pelo celibato para melhor se dedicar à vida espiritual. São nobres exemplos Francisco Cândido Xavier, Divaldo Pereira Franco, Yvonne A. Pereira e José Raul Teixeira, para só mencionarmos nomes conhecidos no Movimento Espírita.

Há quem se case, vivendo em harmonia perfeita, com ou sem relacionamento sexual. O exemplo mais notável desse último tipo foi o do casal Allan Kardec-Amélie Boudet.

Há outros que optam pelo casamento, que, mesmo sendo desarmonioso, é sustentado até o final da vida. São exemplos típicos Sócrates, a rainha Isabel de Portugal e Joana de Cusa.

Há outros que se divorciam por um motivo ou por outro.

A decisão é individual e cada um responde perante a própria consciência pela opção que escolhe, naturalmente.

Quanto aos filhos, a responsabilidade é intransferível. Podem-se citar dois casos de grave irresponsabilidade, que devem ter corroído a consciência de Jean-Jacques Rousseau e William Shakespeare, que deixaram os respectivos filhos ao desamparo o primeiro para se consagrar à Filosofia e o segundo à Literatura...

Um dado importante a se considerar é que a valorização e respeito ao eventual cônjuge faz parte da regra geral de Fraternidade, mas, acima de tudo está o compromisso evolutivo. Todavia, como dito, devemos agir com bom senso e

de acordo com a consciência, “orando e vigiando” para escolher o caminho certo.

2.5 – O VOLUNTARIADO

Jack Weatherford escreveu um livro muito interessante chamado *The History of Money*, em 1997, publicado no Brasil pela Editora Campus, sob o nome *A História do Dinheiro*, em 2000, que começa assim:

“Gostaria de agradecer a Voltaire, pela inspiração especial enquanto escrevia este livro, devido a seu comentário de que ‘é mais fácil escrever sobre dinheiro do que ganha-lo, e aqueles que o ganham zombam bastante daqueles que só sabem escrever sobre ele’.”

Pode-se comparar os que vivem em função de ganhar dinheiro e os que só realizam atividades pouco lucrativas ou não lucrativas, respectivamente, com a formiga e a cigarra. Segundo a consagrada fábula, a primeira produz bens materiais e é egoísta, enquanto que a segunda embeleza a vida e é imprevidente.

Infelizmente, no mundo de ontem e de hoje, as formigas dominam as atividades lucrativas, enquanto que as cigarras sobrevivem dificilmente.

Na verdade, cada qual tem sua utilidade no contexto geral e contribui com aquilo que sabe fazer.

Todavia, o que se nota atualmente é que as próprias formigas têm tombado nos desajustes psicológicos e espirituais, necessitando de ajuda para não caírem no devão escuro da insanidade total.

O endeusamento do dinheiro tem ensandecido muitas mentes, na procura desenfreada da riqueza, a qual se esvai no consumismo, tudo tem provocando um vazio existencial de graves consequências.

Somente as pessoas que ingressaram no padrão ético-moral do homem novo conseguem imunizar-se contra essa

onda avassaladora, acionada pelo *marketing* frio e calculista das grandes empresas mercantis, que escravizam as mentes incautas na caça por lucros cada vez mais vultosos.

Hoje em dia, as pessoas tendem a querer ganhar cada vez mais dinheiro e gastar com inutilidades, num círculo vicioso doentio de fazer dó.

Em contrapartida, surge o trabalho voluntário como contrapeso, incitando as pessoas a doarem parte do seu tempo disponível às atividades filantrópicas.

Mesmo nos países onde o dinheiro é valorizado em demasia e onde as pessoas o colocam acima de tudo, cresce cada vez mais a ideia do voluntariado.

Atividades as mais variadas são realizadas em benefício de pessoas individualmente e em favor de coletividades inteiras.

O *marketing* em favor do voluntariado, todavia, é pobre e quase ninguém fica sabendo do que os voluntários têm realizado.

Esses mesmos, por uma visão distorcida do ensinamento de que “a mão direita não deve saber do que a esquerda realizou”, deixam de propagar suas boas obras e fica parecendo aos egoístas que ninguém faz nada a não ser em troca de dinheiro.

Muitas pessoas do mundo inteiro dedicam grande parte de suas horas vagas a trabalhos voluntários das formas mais inimagináveis.

É preciso que propaguemos essa prática, única que irá modificar o mundo para melhor.

Se a tecnologia vem facilitando a vida humana em muitos aspectos e se a Ciência tem propiciado mais

longevidade às criaturas humanas, somente a boa-vontade entre as pessoas e os povos dá a todos nós a Felicidade.

E, sem a Felicidade, a vida mais confortável desemboca nos maiores descabros morais, na drogadição, no suicídio e na depressão.

2.5.1 – A MOTIVAÇÃO RELIGIOSA

Todas as correntes religiosas ensinam a caridade, variante da ideia do voluntariado.

Seguindo os preceitos humanitários pregados por qualquer religião que seja, as pessoas podem passar a destinar um tempo de sua vida diária às atividades voluntárias.

Grandes alegrias se encontra nesse trabalho.

Abandonando uma vida triste e solitária, provocada por decepções familiares ou profissionais, por exemplo, muita gente deixa de lado esses sentimentos e passa a enxergar as necessidades daqueles que sobrevivem em condições sacrificiais ou volta-se para os interesses coletivos.

De qualquer forma, a vida passa a ter novo significado: o egoísmo desaparece e, em seu lugar, cresce e frutifica a filantropia, o universalismo.

Exemplos inúmeros podem ser citados, como os de Madre Teresa de Calcutá e Irmã Dulce.

A criatividade e a boa-vontade de cada um podem idealizar muitas formas de realizar esse tipo de atividade.

Não há limites para o Amor, que encontra milhares de formas de manifestar-se.

Feliz de quem ama a humanidade e vive em função da Fraternidade.

2.5.2 – A CIDADANIA

Mesmo que não haja a motivação religiosa, a ideia de Cidadania justifica a participação em atividades desinteressadas em prol da coletividade.

Agremiações se multiplicam visando o bem-estar social, associações de variados tipos surgem a cada dia, visando o Progresso, a divulgação da Cultura, a extensão de benefícios aos desfavorecidos da sorte, a inserção social e profissional dos deficientes físicos, a melhoria das condições de vida dos pobres, a valorização dos idosos etc. etc.

A ideia de Cidadania não se resume a pleitear direitos, mas também cumprir deveres, dos quais o principal é o de colaborar com o meio onde se vive.

Fazer o máximo para melhorar desinteressadamente a vida dos concidadãos é um dever imposto pela noção mais avançada de Cidadania.

2.5.3 – AS ENTIDADES FILANTRÓPICAS

O número de entidades filantrópicas é notável, graças a Deus.

Infelizmente, a maioria delas luta com dificuldades financeiras de vulto, uma vez que relativamente poucas pessoas assumem permanentemente o compromisso de mantê-las. A maioria bate às suas portas pedindo ajuda e nada dá em troca.

Todavia, a contribuição financeira não é a única forma de ajudá-las, pois a colaboração através de atividades outras é importante para sua sustentação e continuidade.

Alguém, por exemplo, que se proponha a realizar em seu favor faxinas semanais já se torna um importante colaborador.

Essas entidades necessitam de todos os tipos de colaboradores, cada qual dando aquilo que sabe ou pode.

2.5.4 – AS VARIADAS FORMAS DE COLABORAÇÃO

O Amor se manifesta de mil formas diferentes, irradiando-se como a luz do Sol, que ilumina os recantos mais secretos.

Sem a presença do Amor, a colaboração é insatisfatória e pode gerar mais problemas do que soluções.

Alguém já disse que antes de iniciarmos alguma atividade individual, devemos certificar-nos de que “Jesus está dentro de nós” e, se essa atividade é em grupo, devemos analisar se “Jesus está no meio de nós”.

A unção interior é o combustível que mantém as atividades no nível da boa-vontade.

Devemos sempre nos questionar sobre o tipo de sentimento que nos impulsiona nas atividades voluntárias.

Não devem ser praticadas como muitas vezes acontece no trabalho profissional, onde costumam prevalecer o espírito interesseiro, a ganância, a hipocrisia, a má-vontade e a falta de vocação para servir.

Devemos realizar o tipo de trabalho que se afina com a nossa índole, com a nossa vocação. Não é conveniente alguém se obrigar a desempenhar um trabalho voluntário que não condiga com sua índole, pois há lugar e oportunidade para todas as tendências e habilidades.

2.5.4.1 – A CONTRIBUIÇÃO FINANCEIRA

Um grande problema que as entidades filantrópicas costumam enfrentar é a carência de recursos financeiros. Seus administradores têm que se desdobrar à procura de ajudas, que, normalmente, são inconstantes. A maioria delas mal sobrevive, apesar das isenções governamentais, como se sabe.

Desembolsar mensalmente uma quantia em favor dessas entidades representa uma das mais importantes contribuições que podemos dar, em nome da Fraternidade.

Cada colaborador sabe o quanto pode dar, de forma a realmente ser útil sem prejudicar seu próprio sustento e da sua família.

Há quem não possa contribuir em nada nesse ponto, por algum motivo relevante, mas que se dispõe a ajudar de outras maneiras. O importante é prestar sua colaboração, da melhor forma que puder.

2.5.4.2 – A CONTRIBUIÇÃO INTELECTUAL

Aqueles que se dispõem a alguma colaboração desse tipo são úteis, por exemplo, ministrando aulas e cursos, redigindo textos mais ou menos complexos e confeccionando trabalhos artísticos.

Quanta gente dedica suas habilidades intelectuais a entidades filantrópicas abrindo horizontes para aqueles outros que necessitam de informações e orientações!

Ao invés de “dar o peixe, ensina-se a pescar”: a instrução e a educação mudam a vida das pessoas. Todavia, quem realiza esse tipo de trabalho deve saber fazer como Jesus: incentivar seus alunos a subirem até a metade da escada, mas também descer aquele ponto, efetivando-se o encontro na metade do caminho.

Querer o mestre obrigar os alunos a se elevarem até ele é exigir o impossível, como também nivelar-se por baixo com os discípulos são duas atitudes contraproducentes.

O bom senso e a humildade de quem ensina fazem a diferença, gerando o sucesso ou o insucesso da empreitada.

2.5.4.3 – A CONTRIBUIÇÃO AFETIVA

A doação de si próprio, da sua simpatia e afeição sinceras são a mais importante ajuda que se pode dar.

As pessoas precisam mais de amor do que de qualquer outra coisa.

“O ser humano se alimenta de amor”, afirma Joanna de Ângelis.

Quem comparece a essas entidades cheio de afeição, por esse simples fato, já contribui grandemente, levando otimismo e conforto moral.

Muita gente tem de tudo, menos o calor de uma amizade; quantas pessoas vivem o abandono, mesmo estando cercadas pelo conforto material!

Dar de si é bom principalmente para o doador, que conquista a Felicidade.

Ninguém é mais pacificado interiormente do que aquele que se entrega à Fraternidade.

2.5.4.4 – A CONTRIBUIÇÃO DO TRABALHO BRAÇAL

Madre Teresa de Calcutá fazia questão de desempenhar todos os tipos de trabalhos braçais em companhia das demais freiras da sua Congregação.

O trabalho braçal ensina a humildade e contribui para a saúde do corpo.

O homem novo carece de adquirir a humildade, sem a qual continuará não passará de mais um teórico da Religião, da Filosofia ou da Política.

A vassoura, o tanque de lavar roupa e a pia de uma cozinha representam importantes escolas do aperfeiçoamento espiritual.

Mohandas Gandhi fazia questão de exercer alguns trabalhos braçais considerados repugnantes como fórmula segura de aquisição da sabedoria.

2.5.5 – A INCLUSÃO EM GRUPOS DE CONVIVÊNCIA E TRABALHO VOLUNTÁRIO

A convivência é imprescindível para o aperfeiçoamento intelecto-moral.

Somente evoluímos em contato com as demais pessoas, trocando experiências, ou seja, ensinando o que sabemos e aprendendo o que ignoramos.

Ninguém consegue aperfeiçoar-se se viver encastelado em isolamento egoísta.

Tanto no trabalho quanto no lazer é importante estar em contato com outros seres humanos.

O isolamento não se justifica.

CONCLUSÕES

- 1) Há pessoas que passam a vida inteira vivendo no padrão do homem velho, todavia, sofrendo as consequências do próprio orgulho, egoísmo ou vaidade.**
- 2) Quem já conseguiu despertar para o estilo de vida do homem novo vai descortinando horizontes espirituais cada vez mais amplos, adquirindo a felicidade relativa que se pode usufruir com a paz de consciência.**
- 3) O homem novo realiza muito em benefício das demais pessoas, de forma desinteressada, visando apenas a felicidade delas, que passa a ser também sua.**
- 4) Essas realizações se tornam cada vez factíveis devido ao número crescente de entidades filantrópicas que surgem em todos os rincões da Terra.**
- 5) Cada um pode colaborar com aquilo que sabe ou consegue fazer, havendo lugar para todos.**
- 6) O trabalho voluntário é o grande alavancador da evolução humana neste século de tantas mudanças importantes.**

NOTA

[1] A Wikipédia informa em http://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalho_volunt%C3%A1rio sobre a expressão *trabalho voluntário*:

O voluntariado é o conjunto de ações de interesse social e comunitário em que toda a actividade desempenhada reverte a favor do serviço e do trabalho. É feito sem recebimento de qualquer remuneração ou lucro. É uma profissão de prestígio pois o voluntário ajuda quem precisa contribuindo para um mundo mais justo e mais solidário.

O trabalho voluntário tem se tornado um importante fator de crescimento das organizações não-governamentais, componentes do Terceiro Setor. É graças a esse tipo de trabalho que muitas ações da sociedade organizada têm suprido o fraco investimento ou a falta de investimento governamental em educação, saúde, lazer etc.

Atualmente existem diversas organizações que se utilizam do trabalho voluntário de milhares de pessoas, não só no Brasil como em todo o mundo. Bons exemplos de organizações internacionais são: a Cruz Vermelha", os Médicos Sem Fronteiras" e o Serviço Voluntário Internacional do Brasil que tem ramificações em vários países. O SVI Brasil é o representante no país de um movimento pacifista mundial que desde 1920 promove o intercâmbio de serviços voluntários.

Uma forma de trabalho voluntário com a participação de milhões de pessoas é a computação voluntária, em que indivíduos instalam sistemas em seus computadores pessoais para colaborar em projetos científicos doando capacidade ociosa dos mesmos.

O trabalho voluntário, ao contrário do que pode parecer, é exercido de forma séria e muitas vezes necessita de especialização e profissionalismo, já que empresas de toda sorte, como hospitais, clínicas, escolas etc precisam do auxílio de profissionais formados em várias áreas.

Em Portugal o exemplo mais antigo e importante é representado pelas Associações Humanitárias de Bombeiros Voluntários, pilar fundamental do exercício "Vida por Vida".